

CONCORRÊNCIA, CONCENTRAÇÃO DO CAPITAL E INTERNACIONALIZAÇÃO DO ESPAÇO BANCÁRIO EUROPEU

Alfredo Suárez¹

Resumo: Analisa-se o processo de concentração, integração e internacionalização do sistema financeiro bancário. O processo de concentração do capital neste fim do século responde a uma nova vontade dos agentes que se orientam em direção a novos espaços geográficos e setoriais, consolidando a integração bancária europeia e mundial. Dentro dessa estratégia integrativa, o processo de fusões, aquisições e alianças é o meio privilegiado das últimas duas décadas usado como estratégia de internacionalização. Baseando-se na debilidade de certos estabelecimentos e, mais geralmente, de certos países, ela acentua a reconfiguração do sistema europeu e sua integração.

Palavras-chave: Integração bancária. Concentração. Crise.

Abstract: The objective of this paper is analyze the process of concentration, integration and internationalization of the bank system. The process of concentration of the capital in this final century responds to a new will of the agents who get whose bearings towards new geographical spaces and sectors. Inside this strategy, the process of fusions, acquisitions and

¹ Doutor em Ciências Econômicas, Professor e Pesquisador da Université de Picardie Jules Verne - Amiens, França. E-mail: asuarez103@aol.com

alliances is the privileged way of the last two decades used like strategy of internationalization.

key words: Bank integration. Concentration. Crisis.

INTRODUÇÃO

A internacionalização bancária se consolidou durante o século XX, provocando um grande crescimento das transações financeiras, particularmente favorecido pelas desregulamentações nacionais. As primeiras décadas do século se caracterizaram por desordens monetárias (crise de 1929), seguidas por um período de estabilização (acordos de Bretton Woods) e de expansão dos investimentos, com importantes movimentos de reestruturação do capital bancário. A partir dos anos 1970, a criação do mercado dos eurodólares permitiu a explosão da internacionalização bancária e, no final desta mesma década, assistiu-se a uma onda de concentração-centralização do capital bancário.

As crises cambiais que marcaram o fim do regime das paridades fixas alimentaram a expansão dos mercados cambiais e do eurodólar, o que obrigou o conjunto dos grandes bancos a se internacionalizarem. Nessa época começou igualmente o processo de endividamento do Terceiro Mundo. Assistiu-se nos anos de 1970 e de 1980 à liberalização dos movimentos de capital, à modificação dos regimes cambiais, à expansão sem precedentes do mercado dos eurodólares e à crise do endividamento internacional. O aprofundamento da internacionalização bancária, assim como a desregulamentação financeira e a desintermediação bancária da década de 1990 reforçaram a liberalização dos fluxos de capital. A globalização financeira se desenvolveu no contexto de crises monetárias e financeiras recorrentes (Sistema Monetário Europeu em 1992/1993, México em 1994/1995, bancos japoneses no início da década 1990, sudeste asiático em 1997 e crise brasileira em 1999) que fragilizaram o conjunto dos bancos internacionais.

A internacionalização, atrás das suas diversas modalidades, é uma consequência da concorrência nacional e internacional, que provocou uma reestruturação profunda dos sistemas bancários. A origem desse fenômeno, embora inerente à criação dos grandes bancos, reside na economia nacional, já que a economia internacional supõe a existência de economias nacionais. Evidentemente, as tendências recentes do sistema capitalista (regionalização-mundialização) põem em questão a própria noção de nação. A integração europeia, com a criação do euro, modifica

significativamente as atividades bancárias, dada a ligação dos bancos com as respectivas moedas nacionais. De fato, a moeda cumpre um papel essencial na integração nacional e, sendo indissociável do Estado, confirma o vínculo nacional dos bancos e afeta as estruturas de produção, permitindo a circulação e a concorrência dos capitais a nível nacional.

Desde 1993, momento em que a União Europeia (UE) começou a consolidar a sua integração, a extensão das fronteiras nacionais se tornou incontestável. A concentração do capital leva as empresas e os bancos a operar fora das fronteiras nacionais. A competição reforçada, a evolução e o dinamismo dos intercâmbios e da produção, o crescimento do investimento direto, a redução das restrições aos investimentos estrangeiros e a evolução das técnicas são os principais fatores da centralização do capital, e isso não somente na Europa. A circulação do euro a partir de janeiro de 1999 acentuou a concorrência bancária a nível europeu. Neste trabalho tentaremos mostrar que a extensão das fronteiras nacionais conduz a uma profunda reestruturação dos sistemas bancários, reforçando a concentração-centralização do capital na Europa.

DO ESPAÇO NACIONAL À INTERNACIONALIZAÇÃO

O processo de internacionalização bancária é tão antigo quanto a humanidade. O templo de Ourouk, situado na Babilônia em 3400-3200 a.C., recebia regularmente doações, oferendas e concedia empréstimos (CAUDAMINE; MONTIER, 1998), tanto é que a ordem religiosa do templo criou na idade média a primeira verdadeira rede bancária internacional. (AYMARD, 1993) Durante os séculos XV e XVI, as famílias dos Médicis, do Peruzzi e Bardi, ricos comerciantes italianos, desenvolveram essa atividade associada ao comércio internacional. Assim, o Banco di Napoli, criado em 1563, é a instituição mais antiga que continua funcionando.

No entanto, foi somente no final do século XIX que esse processo adquiriu uma verdadeira envergadura internacional, seguindo as exportações maciças de capitais da Inglaterra, França e, em menor medida, da Alemanha.² O desenvolvimento da indústria modificou a competição entre os bancos, obrigando-os a colaborar estreitamente com as grandes firmas industriais e a criar “redes financeiras”. Esse desenvolvimento au-

² A libra esterlina, moeda internacional hegemônica da época, deu à Londres o estatuto de centro financeiro mundial, quando Inglaterra criou uma rede internacional de estabelecimentos (*overseas banks*) especializados num país ou grupo de países (Hong Kong and Shanghai Bank, Bank of London and South America, Commonwealth Bank of Australia). Na França, algumas grandes instituições fusionam, criando importantes bancos de negócios (*Banque de Paris et des Pays Bas, Union Parisienne*).

mentou a concentração e a centralização do capital no âmbito nacional e facilitou o aparecimento de novas potências industriais a nível internacional. A internacionalização crescente provocou a perda da hegemonia inglesa, apesar da superioridade dos seus bancos. Os estabelecimentos da França e Alemanha passaram a integrar o espaço bancário mundial. A concentração-centralização do capital, especialmente bancário, resultou do desenvolvimento dos investimentos diretos e do financiamento das grandes empresas industriais. Este movimento de concentração se realizou durante um período de crise (1873-1876), sendo um meio de reforçar posições e de instaurar novas técnicas e estratégias. O desenvolvimento do “capital financeiro” engendrou maiores pressões protecionistas e uma maior eficácia das atividades organizadas a nível do « território ampliado» (economias de escala, especialização). (HILFERDING, 1994)

A ampliação das fronteiras nacionais dentro da União Econômica e Monetária (UEM) estruturou um sistema bancário europeu que aprofundou a concentração-centralização do capital. Porém, o vínculo nacional permaneceu primordial e a economia nacional persistiu como o espaço no qual se concretizou a dimensão espacial do mercado. (KÉBADJIAN, 1994) Os diferentes mercados existentes, a cada estado de seu desenvolvimento, se expandiram no âmbito nacional (mercado industrial, bancário e monetário). O mercado de capitais sempre reforçou a dinâmica do capitalismo. A expansão do investimento estrangeiro direto e a implantação e criação de redes bancárias seguiram, desde o início, uma lógica nacional, lugar de pertença e de criação das atividades. Um banco, como toda empresa, adquire primeiro sua notoriedade e seu prestígio neste marco nacional.

Mesmo se certos autores afirmam que a origem do banco é internacional (MOSCHETTO; PLAGNOL, 1977), o estudo da criação de grupos financeiros mostra que as relações banco-indústria são concebidas inicialmente num marco nacional. (PASTRÉ, 1979; CHEVALIER, 1970)³ As análises predominantes dão uma importância relativa ao fenômeno multinacional, contrariamente ao trabalho pioneiro de Hilferding sobre os laços estreitos entre a emergência do capital financeiro e a internacionalização do capital. A integração europeia em curso poderia, numa certa medida, reatualizar a tese de Hilferding, já que a evolução do capitalismo financeiro acentua a extensão do território econômico. O capital financeiro, ao abrir as fronteiras nacionais, amplia o espaço do capital e favorece o desenvolvimento das exportações deste, tirando vantagens da internacionalização, da igualização das taxas nacionais de lucro e da capacidade

³ Três estudos confirmam esta afirmação. Sobre o caso dos Estados Unidos ver Pastré (1979). E, igualmente, Chevalier (1970). Para o caso francês, ver Morin (1975).

de absorção de mercados. A abertura de novos mercados sempre foi um elemento importante para sair de uma depressão industrial. A exportação de capital precipita essa abertura e desenvolve consideravelmente as forças produtivas. Os grandes bancos e os segmentos mais importantes da indústria possuem as melhores condições para valorizar o seu capital nos mercados externos. (HILFERDING, 1994)

A fronteira do capital parece deslocar-se em função das épocas. Para Hilferding, a existência da atividade bancária precede a criação do capital financeiro, porém, segundo Pastré, nos anos de 1980, o capital industrial passou a se confundir com o capital bancário. Cabe aqui perguntar se a internacionalização é causa ou consequência da emergência do capital financeiro. Em um primeiro momento, a união do capital bancário e industrial se desenvolveu no espaço nacional e por finalidades internas. Uma vez que essa fusão favorece a exportação de capitais, a internacionalização se produziu. A nação é, portanto, o ponto de partida da atividade bancária e da internacionalização.

Do ponto de vista histórico, a expansão internacional dos bancos está ligada ao comércio internacional e à produção fora das fronteiras nacionais. Os bancos seguem de certa maneira a atividade internacional das empresas industriais e comerciais. Assim, pode-se afirmar que a intensificação da internacionalização bancária desde os anos 1970 é a consequência do aumento da concorrência a nível nacional.

No âmbito interno, os mercados dos países industrializados se saturaram. Os sistemas bancários se tornaram homogêneos, os produtos e serviços disponíveis ficaram idênticos e cada banco passou a oferecer o mesmo conjunto de serviços. A rude concorrência obrigou os bancos a uma intensa busca de rentabilidade, conduzindo-os a uma maior internacionalização. Rapidamente um número reduzido de estabelecimentos tomou o controle de mercados domésticos. Os bancos, cuja rentabilidade havia sido afetada, acentuaram a sua atuação fora do país de origem. Em resumo, a «bancarização» dos países industrializados deu origem a uma nova concorrência que tendeu, a partir da internacionalização, a ser acompanhada por uma maior concentração.

Essa concorrência se traduziu a nível internacional por um «efeito de contaminação» entre os grandes bancos, conduzidos a atuar nos países onde seus concorrentes já estavam instalados. A concorrência interbancária constituiu um elemento determinante no processo de internacionalização, acentuando a concentração-centralização do capital. Não obstante, esta busca internacional de uma maior rentabilidade não pôde realizar-se sem a flexibilização regulamentária. Nos Estados Unidos, o processo de flexibilização se iniciou desde cedo. Em 1913 as autoridades monetárias

americanas autorizaram os grandes bancos (cujo capital e reservas eram superiores a um milhão de dólares) a criarem sucursais no exterior, com o objeto de expandir as exportações. Nos países membros da União Europeia, somente a partir dos anos 1980 é que as barreiras à internacionalização e à concentração bancária foram levantadas (embora a partir de 1998 a Espanha e Itália voltaram a restringir a compra de bancos locais por instituições estrangeiras). Mais adiante veremos que, nas décadas de 1990 e 2000, os bancos europeus se internacionalizaram por razões distintas daquelas dos anos de 1980, pois a concorrência se acirrou dentro de um contexto de liberalismo e globalização e, sobretudo, dentro de uma lógica de integração regional que levou a uma profunda reestruturação. O processo de internacionalização representa às vezes uma estratégia de sobrevivência que não pode ser desconectada da origem nacional, isto é, do movimento de capitais e de mercadorias do país de origem. Assistimos, assim, a dois processos simultâneos e convergentes: a mundialização financeira e a europeização dos bancos.

DA INTERNACIONALIZAÇÃO BANCÁRIA À GLOBALIZAÇÃO

A partir dos anos 1960, o paradigma tradicional da economia internacional, limitado a explicar os intercâmbios comerciais, deixou de ser útil para analisar o movimento de mundialização do capital. A introdução da multinacional (firma ou banco) como elemento central de análise permite raciocinar em termos de economia mundial.⁴ A internacionalização bancária, inserida plenamente no movimento de mundialização, se opera em dois espaços (transnacional e multinacional) de natureza distinta onde se realizam operações bancárias diferentes, articuladas por um espaço (intrabancário) próprio aos bancos. (MICHALET, 1981)

Os grandes bancos organizam os movimentos de capitais na escala mundial através da intermediação e transformação internacionais. A introdução desta categoria de bancos multinacionais (BMN) permitiu passar de uma lógica de internacionalização a outra de mundialização. O sistema bancário transnacional obtém sua consistência e sua razão de ser da função de intermediação financeira que cumpre a escala mundial.⁵ A articulação do nacional ao internacional e, logo, ao mundial, explica a

⁴ Por uma definição mais precisa, ver Michalet (1985).

⁵ O desenvolvimento do mercado de eurodólares neste período permite entender a lógica da mundialização. Ver Ruffini (1983).

integração reforçada no sentido de um espaço evolutivo. Os três espaços da internacionalização bancária (multinacional, transnacional e intrabancário) determinam os movimentos de expansão à escala mundial, isto é, a passagem da internacionalização à mundialização do espaço bancário.

As atividades realizadas no exterior a partir das implantações locais (a rede bancária internacional), na moeda do país ou em divisas, se efetuam no espaço multinacional, já que aquelas realizadas com o exterior, num espaço transnacional (euro-mercado), são praticadas desde as praças financeiras *off shore*, em eurodivisas. A articulação de ambas através do espaço intrabancário constitui a especificidade da internacionalização bancária. Essa conexão entre os espaços representa o fundamento da rentabilidade e da competitividade dos bancos multinacionais (BMN) *vis-à-vis* dos bancos mononacionais: ela permite otimizar a relação entre os espaços abstratos (multinacional e transnacional) ou os espaços geográficos concretos, e tirar proveito das diferenças de taxas de juro internas em função dos regimes fiscais locais para a maximização dos lucros líquidos.⁶ (SUÁREZ, 1990)

No final dos anos 1960 e início da década de 1970, esses espaços se desenvolveram significativamente, visto que as redes de atuação dos grandes bancos nos principais países industrializados já estavam consolidadas. Tratava-se de integrar na internacionalização bancária novos países, adotando uma visão global de mercados. Paralelamente, a centralização do capital aumentou via reagrupamentos bancários e através da implantação de redes comuns (criação de consórcios bancários ou de filiais multinacionais conjuntas e diversificadas).

Assim, a atividade dos BMN não se reduz a acompanhar as firmas industriais e comerciais, cumprindo um papel indireto na mundialização da economia. Os BMN estão ligados a sua origem nacional, mas contribuem para criar um espaço que se define como mundial. A multinacionalização bancária se nutre da heterogeneidade do espaço internacional, ao mesmo tempo em que contribui para reduzir a heterogeneidade do espaço econômico mundial. (RUFFINI, 1983) Alimenta-se das diferenças nacionais, já que, implantando-se no exterior, o BMN aproveita as vantagens que lhe permitam melhorar sua rentabilidade (menores custos, regulamentações favoráveis, acesso às eurodivisas etc.) e homogeneiza o espaço mundial, ao constituir grandes redes que unem os espaços internacional e mundial, porém, guardando uma base de origem nacional. Uma organização diferente aparece e quando esta nova estrutura se expande na economia mundial novos fenômenos se produzem.

⁶ Por um estudo detalhado que utiliza essa metodologia aplicada à atividade dos bancos franceses na América Latina, ver nossa tese de doutorado, em particular os capítulos 5 a 8. (SUÁREZ, 1990)

A integração num espaço econômico implicou para os BMN europeus novas relações de concorrência, instalando um modo de reagrupamento de capitais diferente do prevalecente até então. De fato, a concentração unifica capitais em concorrência e põe a propriedade em um novo processo de valorização. (AGLIETTA, 1977) Isso ocorre com o crescimento da dimensão do mercado, mas também com o movimento de segmentação e integração e, igualmente, com a diminuição da escala de atuação, relativamente ao nível da concorrência, aumentando a escala de valorização. Assim se distingue a concentração simples da centralização do capital.

A primeira resulta do efeito imediato do fracionamento dos capitais,⁷ sendo um fenômeno quantitativo, já que a centralização do capital representa uma mutação qualitativa, que remodela a autonomia dos capitais e estabelece novas relações de competição. Como consequência da centralização e através de violentas modalidades de concorrência, uma multitude de capitais desaparece por absorção e outros são aglomerados por fusão ou consolidação. Nas palavras de Aglietta, “Isso é o efeito sobre o fracionamento dos capitais do processo geral de desvalorização, através do qual o movimento da acumulação global encontra novas condições para um impulso futuro”. A centralização, ao reduzir o número de capitais autônomos e aumentar a sua dimensão, reorganiza o sistema, estabelecendo novas relações de concorrência e novas possibilidades de valorização.

As mutações atuais do setor bancário europeu podem ser interpretadas em termos de centralização do capital. O processo de **centralização** que se acelerou recentemente na Europa se realiza principalmente por reagrupamento e fusão de capitais dentro de um marco de concorrência interbancária exacerbada. A reestruturação é, ao mesmo tempo, qualitativa e quantitativa. No interior do espaço bancário mundial, estabeleceu-se uma modificação técnica na composição dos meios de produção dentro da ótica da unificação monetária. As formas da concentração-centralização do capital que permitiram a integração do espaço bancário europeu (e mundial) são variadas: ofertas públicas de compra (OPC) e de intercâmbio (OPI), fusões e aquisições, acordos de cooperação.

As OPC são instrumentos eficazes de reestruturação de empresas que permitem a concentração e especialização de atividades, segundo uma lógica industrial ou comercial.⁸ Na Europa continental, as OPC au-

⁷ A concentração varia em função das épocas e setores de atividade. A indústria automotiva é um exemplo típico de concentração quantitativa.

⁸ Apesar de que as legislações europeias na matéria são muito heterogêneas, a concordata na Europa — OPC — pode ser definida como uma operação que permite a uma pessoa física ou jurídica adquirir papéis durante um intervalo de tempo determinado e sob certas condições, a um preço determinado pago em espécie (OPC) ou por entrega de títulos (OPI). Ver Mertens Santamaría (1998).

mentaram nos últimos anos, particularmente no setor industrial, porém representam uma parte ínfima do total de aquisições e fusões. As OPC se realizam essencialmente nos Estados Unidos e Grã-Bretanha. As fusões e aquisições recentes do setor bancário europeu incluem participações majoritárias concentradas primeiro a nível nacional e, em seguida, encarando uma dinâmica internacional. Os acordos de cooperação são concluídos essencialmente para realizar economias de escala por efeito de sinergia, assim como para reduzir as incertezas e custos das empresas ou bancos. A concorrência é um elemento determinante na conclusão desses acordos, que podem ser divididos em dois tipos: por um lado, a associação de empresas complementárias que se unem para lograr uma dimensão ideal e, por outro, a organização de um conjunto de regras de funcionamentos (no seio da indústria ou do banco) de elementos complementares, oriundos de firmas globais para objetivos limitados.⁹

A concorrência é então determinante no processo de concentração-centralização do capital, intensificando a cada período o movimento de reagrupamento de empresas. No contexto atual, novas relações se instauram, passando de uma nova lógica de crescimento interno (implantação no exterior) a uma outra de crescimento externo (fusão, aquisição). O setor bancário europeu se adapta, simultaneamente, ao espaço geográfico local e ao contexto de mundialização.

EXPANSÃO DOS EUROMERCADOS E APROFUNDAMENTO DA INTERNACIONALIZAÇÃO NOS ANOS 1970

Durante a crise aberta nos anos 1970, a internacionalização bancária se realizou em grande medida sob a pressão da busca de novos mercados. O estudo do mercado de eurodivisas mostra as tendências de fundo da concentração-centralização do capital bancário durante esse período. Depois de um crescimento lento durante os anos 1960, esse mercado se tornou lugar privilegiado para os movimentos internacionais do capital. O elemento constitutivo dos euromercados foi a criação dos eurodólares (dólares depositados em bancos comerciais fora do território norte-americano). Para certos autores, esse mercado nasceu em 1949, quando Mao Tsé-Tung transferiu os depósitos da China ao Banco Comercial da Europa do Norte. Para outros, a origem se situa em 1953, quando a União Soviética transferiu seus fundos em dólares a este mesmo banco.

⁹ Sobre este tema ver Michalet e Delapierre (1989).

O mercado dos eurodólares produziu profundas modificações. Por um lado, engendrou uma estrutura de taxas de juro internacionais diferentes e independentes das taxas nacionais, expandindo as aplicações nos mercados internacionais, ao mesmo tempo que, devido à concorrência entre os mercados nacionais, reduziu os diferenciais entre as taxas dos diferentes países. Por outro lado, **ao permitir** a superação da escassez na liquidez internacional e favorecer uma melhor alocação dos recursos a nível mundial, aumentou o volume de fundos disponíveis e facilitou a expansão monetária. Do ponto de vista técnico, esse mercado **alimentou** os empréstimos a curto e longo prazo: dada sua magnitude, cada necessidade financeira encontrou um credor **à sua altura**, eliminando assim as condições rígidas dos empréstimos e depósitos e aumentando a liquidez internacional. Em razão da facilidade de intervenção e da instantaneidade na concessão do crédito, esse mercado incitou excessivamente os empréstimos internacionais, aumentando os riscos.¹⁰ O endividamento dos países em desenvolvimento (PED) se acelerou a um ritmo sem precedentes a partir dos anos de 1970, imediatamente depois do primeiro choque do petróleo. Em 1973, a parte dos empréstimos bancários (44,2%) superou pela primeira vez os fundos públicos (41,3%) no total do financiamento exterior dos PED. Uma boa parte desses empréstimos serviu para financiar a expansão das firmas multinacionais (investimento direto e comercial) nos chamados novos países industrializados (NPI).

O mercado dos eurodólares permitiu uma real interconexão entre os países, situando a capacidade de criação monetária a nível transnacional. Seu desenvolvimento se inscreve plenamente numa lógica de internacionalização das atividades bancárias. O recurso aos empréstimos tornou-se um vetor de integração entre as economias. Se os bancos cumpriram nesta época um papel importante no financiamento do comércio e do investimento internacionais, logo em seguida os empréstimos serviram para financiar os déficits dos balanços de pagamento. Paralelamente à demanda crescente de empréstimos, a concorrência interbancária se intensificou, reduzindo **o grau** do risco-país. Mesmo se certos bancos (particularmente americanos, franceses

¹⁰ Em uma primeira etapa, o risco era considerado bancário e estava ligado ao outorgamento dos eurocréditos, depois foi transferido ao credor, tornando-se «risco-país», traduzindo o risco de insolvência ou não pagamento nos termos previstos no contrato de crédito. Do ponto de vista bancário, isso é composto de um «risco econômico» ligado à capacidade do devedor estrangeiro de produzir as divisas necessárias para o reembolso, e de um «risco político» que é função da vontade do devedor em honrar seus compromissos internacionais. Para uma análise completa e exaustiva desse tema, ver o excelente trabalho de Georgopoulos (1996).

e ingleses) estavam implantados desde longa data na América Latina, África e Ásia, a abertura dos euromercados modificou radicalmente sua atividade e sua forma de avaliar os riscos. Essa situação se agudizou com a introdução, no âmbito internacional, de bancos que até então eram mononacionais que seguiram os BMN, embora a sua capacidade financeira não o permitisse.

O desempenho do sistema bancário internacional no final da década de 1970 estava intrinsecamente ligado ao desenvolvimento do mercado dos eurodólares e este se substituiu aos mercados bancários nacionais. A razão principal de sua expansão e, por extensão, da internacionalização bancária, foi a busca de liquidez e de rentabilidade. De fato, os bancos encontraram nesse mercado os recursos necessários para suas atividades de empréstimos, por um lado, e, por outro, o meio de assegurar um nível de rentabilidade suficiente. Como já foi assinalado, os bancos desenvolvem suas atividades em eurodivisas à medida que se reduzem as possibilidades de lucro nas atividades domésticas. Assim, engendrou-se uma expansão sem precedentes dos empréstimos aos PED, os quais passaram a ocupar um lugar central no funcionamento dos eurocréditos.

Paralelamente ao desenvolvimento do mercado dos eurodólares, cresceram expressivamente as redes dos grandes bancos.¹¹ Primeiro, considerada como um «objetivo», a implantação no exterior se tornou uma «norma». A recentragem das implantações nos PED, particularmente nos mais importantes (que eram também os mais endividados) se realizou desde o início da crise da dívida em 1982. A partir desta época, e paralelamente ao desenvolvimento do mercado secundário de dívida e da securitização dos empréstimos bancários, a natureza da concorrência interbancária se modificou, passando de uma estratégia de «expansão de balanço» a outra de «maximização de resultados». (SUÁREZ, 1991)

A NOVA INTERMEDIÇÃO E CONCENTRAÇÃO BANCÁRIAS DOS ANOS OITENTA

Consequência da crise da dívida, a tendência dominante a nível mundial de associação bancos-empresas deu lugar a um vasto

¹¹ No caso francês, por exemplo, as implantações no exterior passaram de 210, em 1961, para 303, em 1973 e para 752, em 1982. Essas implantações que, em 1982, pertenciam a 46 estabelecimentos implantados em 104 países, respondiam, numa boa medida, à necessidade de acompanhar as empresas francesas industriais e comerciais nos mercados emergentes. Ver Suárez (1991).

movimento de desintermediação ou nova intermediação bancária.¹² Assim, no começo dos anos 1980 assistiu-se a uma dupla ruptura: o sistema bancário internacional foi ameaçado e o seu papel no financiamento dos **desequilíbrios internacionais foi seriamente abalado**. A especulação bancária dos anos 1970, favorecida pela reciclagem dos excedentes petrolíferos e pelo abandono das taxas fixas de câmbio, desapareceu em grande medida por causa da revalorização do dólar.¹³ A declaração da moratória mexicana em agosto de 1982 marcou o ponto de inflexão dessa situação, devido à diminuição dos preços das matérias primas e da **queda** dos ingressos de exportação dos PED. A dívida bancária dos PED aumentou em 70%, entre 1979 e 1982, assim como a carga dos juros, **elevando** o risco-país sobre os empréstimos.

Desde o momento em que os bancos suspenderam seus créditos, os PED se viram impossibilitados de pagar os serviços da dívida, passando a contar somente com suas receitas de exportação. Os reescalamentos de empréstimos e o desenvolvimento do mercado secundário dos títulos da dívida (MSD) formaram canais para a reestruturação bancária a nível mundial. Dentro da lógica da divisão do trabalho imposta pelos BMN aos estabelecimentos de menor porte, os primeiros afiançaram sua posição internacional e os segundos — participantes esporádicos nos empréstimos aos PED — se voltaram para os seus mercados de origem. O MSD se tornou o canal pelo qual os BMN retardaram a integração produtiva dos países endividados na economia mundial. A compra com ágios de títulos da dívida por fins produtivos supõe uma integração produtiva mais profunda desses países, dada a facilidade incrementada na implantação das FMN — vetores de tecnologia e de conhecimento. Igualmente, visto que os antigos empréstimos se tornaram instrumentos financeiros (meios de pagamentos e de compra de títulos da dívida), estimulou-se a integração financeira através do desenvolvimento dos mercados de capitais e das bolsas nacionais. O MSD foi assim vetor de uma nova etapa nas relações internacionais dos PED. (SUÁREZ, 1990)

¹² Esta intermediação foi reforçada com o mercado dos eurodólares, já que este é um mercado para os depósitos e os empréstimos bancários e não um mercado para os empréstimos entre agentes não bancários. Lebramos que a verdadeira substância desse mercado se encontra nas relações interbancárias. O mercado do eurodólar é muito melhor percebido, tomando em conta as relações entre intermediários financeiros mais do que as relações entre agentes não financeiros e intermediários financeiros. Ver Ruffini (1983).

¹³ A repercussão nos Estados Unidos da criação de dólares necessários ao financiamento dos empréstimos aos PED influenciou na mudança da política monetária de 1979, que provocou a alta espetacular das taxas de juros e da carga da dívida dos PED. A partir de 1982, os Estados Unidos se tornaram importadores líquidos de capital (as entradas passam de -8,7 bilhões de dólares, em 1980 para +11,6 bilhões em 1982, +36,6 em 1983, e +100,2 em 1984).

O início da década de 1980 representa uma ruptura nas relações financeiras internacionais, cuja origem foi a crise da dívida. Esta ameaçou o sistema bancário internacional no seu conjunto, dado que a quebra de alguns grandes estabelecimentos excessivamente expostos num número reduzido de países¹⁴ podia provocar uma crise sistêmica. Os bancos adaptaram seus comportamentos para fazer face a essa crise cuja solução exigiu resoluções drásticas. O sistema de renegociação supõe a unanimidade e solidariedade de todos os credores, porém, importantes contradições apareceram entre os interesses dos grandes bancos e a maça das pequenas instituições. Não desejando assumir sozinhos o peso da crise, sua resolução passou em grande medida pela transferência do risco bancário aos credores públicos.¹⁵ Não querendo, e nem podendo aumentar seus riscos nos países endividados, os BMN limitaram a sua contribuição ao financiamento dos reescalamentos, sobretudo após o esgotamento dos excedentes da OPEP e o crescimento das necessidades de financiamento da economia americana. Mais tarde, os BMN criaram novos instrumentos de financiamento mais adaptados à nova configuração.

Desde os finais da década de 1980, a concentração do capital e a reestruturação do setor se tornaram eixo central da estratégia de internacionalização; as implantações totais no exterior se contraíram, concentrando-se nos países industrializados.¹⁶ Paralelamente, a atividade bancária se redobrou em função da evolução das regulamentações. Por exemplo, em 1987 o Fed permitiu aos bancos emitir papéis comerciais e títulos securitizados (em torno de 600 bancos negociam valores mobiliários, oferecendo a sua clientela serviços de corretagem). Logo, a evolução das regulamentações nacionais os incitou a adotar outras estratégias, especialmente a participar nas operações de fusões e aquisições transitórias.¹⁷

¹⁴ Por exemplo, em 1982, os empréstimos concedidos ao México representavam 70% do capital dos principais bancos americanos (Bank of America e Manufacture Hanover). Enquanto que os nove bancos americanos mais importantes haviam emprestado 130% do seu capital a três países (Argentina, Brasil e México).

¹⁵ Ver a respeito as teses de doutorado respectivas de Georgopoulos (1996) e Suárez (1990).

¹⁶ Um exemplo importante é a diminuição da rede internacional dos bancos franceses, particularmente nos PED: 46 bancos estavam implantados no exterior, em 1982, e apenas 32 estabelecimentos, em 1989; as implantações na África anglófona se reduziram pela metade. Os cortes foram também significativos na América Latina, enquanto que nos países do sudeste asiático as instalações aumentaram em mais de 13%. Essa diminuição da rede foi o resultado, principalmente, da queda do número das agências de representação (260 em 1989 contra 312 em 1982) e do fim das associações com outros bancos (de 161 a 97 no mesmo intervalo).

¹⁷ Por exemplo, em 1983 o FED adotou o princípio de compra por bancos comerciais das firmas de corretagem. Este movimento foi seguido na Europa, particularmente depois da segunda diretiva bancária europeia de 1988.

Essa integração setorial foi acompanhada por uma maior integração mundial. Se os anos 1970 se caracterizaram pelas implantações americanas na Europa, o nítido desinteresse dos bancos japoneses e a moderada internacionalização dos europeus, a mudança foi brutal nos anos 1980. A desregulamentação bancária assim como os novos produtos atraíram para os Estados Unidos os bancos europeus e japoneses. Durante essa década, o setor banco-financeiros concentrou, em média anual, 18% das inversões estrangeiras nos Estados Unidos, realizadas principalmente por capitais japoneses, ingleses e holandeses. A importância média dos investimentos no setor aumentou de 97 milhões de dólares, em 1984, para 500 milhões, em 1988. O comportamento dos bancos japoneses refletiu essa estratégia, abrindo, primeiro, sucursais ou agências de representação e comprando, em seguida, bancos em dificuldade ou controlados por outros bancos estrangeiros.¹⁸ Desde o final da década, os bancos europeus começaram igualmente a adquirir estabelecimentos americanos.

Assim, a reestruturação do espaço bancário mundial conduziu à consolidação da integração bancária na tríade EUA, Japão, Europa, dentro de um contexto de concorrência acirrada. A observação da evolução histórica do sistema capitalista revela que a cartelização é característica dos primeiros anos de crise, como reação à concorrência internacional provocada pela abertura dos mercados.¹⁹ No final da década de 1980, paralelamente aos acordos nacionais de cooperação, se consolidaram verdadeiros cartéis internacionais, apontando a tendência dos anos 1990.

Pode-se estabelecer uma correlação entre a concentração bancária e os ciclos financeiros que caracterizam o comportamento dos bancos: o período de crise corresponde ao ponto de inflexão entre as diferentes fases. Assim, nas duas últimas décadas, todos os estabelecimentos, independentemente da origem nacional, sofreram dificuldades e alguns até quebraram. A recuperação financeira é difícil e se faz no longo prazo. Mas, além da diversidade dos riscos e dos mercados, os setores bancários seguiram um cenário típico de concentração.

O processo de concentração adquire diferentes formas, em função do momento do ciclo bancário. Durante a fase ascendente, o crescimento é interno e se manifesta com a busca de novos mercados. A internacionali-

¹⁸ Por exemplo, o Banco de Tokyo e o Sanwa Bank compraram o Union Bank e a sucursal do Lloyds Bank na Califórnia; o Mitsubishi Bank comprou o Bank of California. Em 1989, o Daichi Kangyo Bank adquiriu 60% do CIT por um valor de 1.280 milhões de dólares, mostrando assim que a estratégia de adquirir partes de mercado primava sobre a rentabilidade.

¹⁹ Na França, por exemplo, depois da onda de privatizações de 1986-1988, o espaço bancário nacional foi reestruturado completamente. Lembramos que até então o sistema bancário francês estava sob um controle praticamente total do Estado.

zação passa pela diversificação geográfica, já que os mercados de origem chegam a um ponto de saturação. À medida que novas condições apareçam, o processo muda de modalidade. Como consequência da crise, as condições de concorrência se renovam, obrigando à reestruturação do sistema. Os bancos maiores se orientam para adquirir uma escala mundial através de alianças e acordos de cooperação, enquanto que os médios e pequenos buscam evitar as quebras; sobreviver fusionando para proteger-se das concordatas. Quando o ciclo se transforma, a concentração toma outra forma: torna-se externa. No final dos anos de 1990, a concentração externa dominou nitidamente o sistema bancário mundial.

Assim, a concentração bancária se aprofundou durante a crise. Mais do que uma saída de crise, a concentração representou uma reestruturação inevitável para enfrentar diversos fenômenos que nasceram durante a crise (nova concorrência ou aparição de novos espaços). Estratégia defensiva para alguns estabelecimentos, a concentração representa, no seu próprio processo, uma estratégia ofensiva para outros. Ela é, então, objeto de uma “reestruturação integrativa”. Conjuntamente à reestruturação do sistema produtivo, ela permite — enquanto processo de reestruturação — a integração num espaço unificado. Desde o início da década de 1990, o espaço bancário europeu entrou num processo permanente de reestruturação.

A GLOBALIZAÇÃO FINANCEIRA DOS ANOS NOVENTA

Os anos de 1990 se caracterizam pelo aprofundamento do processo de mundialização, concomitante à criação da União econômica e monetária na Europa. O desafio para os grandes bancos, apesar dos benefícios da liberalização de capitais e da instauração do euro, é enfrentar uma nova concorrência nos seus mercados de origem. Para tirar vantagem da criação do espaço econômico e monetário e conquistar a posição privilegiada, esses bancos tiveram que multiplicar aquisições e alianças.

a) Recomposição do espaço bancário europeu: o nascimento de um eixo financeiro “transeuropeu”

A reestruturação se acompanhou de estratégias diferenciadas, seja através de fusões nacionais ou via reagrupamentos transfronteiriços. Igualmente, os bancos se implantaram em outros países europeus, criando filiais ou sucursais, isto é, através de uma política de aquisições, ou, pelo contrário, via acordos de cooperação e alianças.

A reestruturação modificou a supremacia mundial de cada sistema bancário e, inclusive, de cada banco dentro do seu espaço nacional. Ao mesmo tempo, os objetivos seguidos pelos sistemas bancários europeus em reestruturação foram diferentes dos norte-americanos. Os grandes bancos europeus praticaram, desde meados da década de 1990, uma política de crescimento externo, como forma de se prepararem para o aumento da concorrência dentro do espaço único da União Europeia. As operações de fusão e de participação devem ser consideradas a partir de diferentes pontos de vista: operações entre bancos da mesma nacionalidade e operações de reagrupamentos entre bancos europeus.

A fusão entre bancos de uma mesma nacionalidade obedeceu à vontade de aumentar o espaço de atuação. Somente em 1997 foram realizadas 29 operações de fusão e aquisição, por um valor superior a 50 bilhões de dólares, contra menos de 15 bilhões em 1996. Os bancos mais dinâmicos nesse tipo de operações são alemães (com um valor em torno de 14 bilhões de dólares), suíços (12 bilhões), italianos e franceses (menos de 8 bilhões cada um). Apesar dessa concentração do capital, o número de estabelecimentos europeus que figuram na classificação anual dos 100 primeiros bancos mundiais evoluiu pouco no longo prazo (de 41 em 1978 para 45 em 1997) assim como o lugar ocupado no *ranking* bancário mundial (em 1978 somente quatro bancos europeus figuravam entre os dez primeiros e em 1997 apenas um).²⁰ Essa classificação mostra a menor importância relativa — em relação aos Estados Unidos — da concentração do capital bancário entre grupos europeus da mesma nacionalidade.

As estratégias de reestruturação foram diferenciadas nos diferentes países europeus. Na França, buscou-se aumentar a parte de mercado dos bancos de porte médio e melhorar a rentabilidade do conjunto do sistema, criando estabelecimentos dedicados ao financiamento especializado ou à coleta e gestão da poupança, assim como reforçar os bancos mutualistas.²¹ Na Itália, o objetivo das reestruturações foi de reagrupar bancos regionais para melhorar a rentabilidade geral do sistema. Na Holanda, as fusões se realizaram entre os maiores quatro ou cinco bancos do país para criar grupos especializados (na gestão da poupança popular, nos serviços financeiros) e consolidar um polo de banco-seguro. Na Suíça, a fusão, em dezembro de 1997, do primeiro e terceiro grupo bancário do

²⁰ Classificação estabelecida em dezembro de cada ano pela revista francesa «Le Nouvel Economiste».

²¹ Em 1995, o Crédit National comprou o Banco Francês de Comercio Exterior; em 1996, o Crédit Agricole comprou Indosuez; e, em 1997, o Société Générale retomou o Crédit du Nord e Paribas absorveu suas duas filiais (Compagnie Bancaire e Cetelem). Em 1998, o CIC passou sob o controle do Crédit Mutual e o Crédit Agricole adquiriu Sofinco.

país criou o segundo banco mais importante a nível mundial (United Bank of Switzerland), contando com 26 bilhões de dólares de fundos próprios.

A concentração bancária a nível nacional foi predominante numa primeira etapa na Europa, como também no Japão e nos Estados Unidos,²² reforçando-se, em seguida, com importantes operações transeuropeias: entre as mais significativas se destacam umas 56 transações por um montante superior a 50 bilhões de dólares, dirigido principalmente para adquirir redes comerciais. O Deutsche Bank foi campeão das aquisições na Europa²³ e o sistema bancário alemão o mais dinâmico dentro do movimento de reestruturação transeuropeu. Na França o movimento é igualmente importante: o Crédit Lyonnais é o banco mais dinâmico dentro e fora da Europa;²⁴ o Crédit Agricole se expande pela Europa do sul; o Sociétés Générale ficou presente em todas as grandes praças financeiras e acrescenta as suas atividades de banco privado as de conselheiro em fusões e aquisições.

A internacionalização avança em todos os países, sendo as operações mais importantes aquelas realizadas entre bancos europeus. A amplitude desse fenômeno foi considerável e os reagrupamentos nacionais foram superiores aos transnacionais, obrigando a análise a distinguir entre concentrações dentro e fora da Europa, constituindo um eixo transeuropeu. O crescimento anual das fusões e aquisições na União Europeia foi superior a 50% em 1995-1996 e de mais de 67% em 1996-1997. A análise dessa evolução permite observar quatro motivações principais dentro da estratégia que se instaurou no conjunto dos sistemas bancários europeus.

A primeira é a busca de economias de escala, já que nenhum estabelecimento controlava mais de 2% a 3% do mercado bancário nacional.²⁵ A segunda é a busca de economias de escopo com o objetivo de diversificar as atividades em novas áreas (com o risco de fragilização da multiespecialização). A terceira motivação é uma nova alocação de fundos próprios, que traduz a vontade de aumentar os resultados dos grupos, aumentando os

²² Nos Estados Unidos, a fusão em abril de 1998 entre Citicorp -segundo banco comercial americano- e a companhia de seguros Travelers criou Citigroup, primeiro grupo financeiro americano e mundial.

²³ Em 1989, comprou a filial europeia do Bank of America e tomou o controle do banco comercial Transatlântico na Espanha. Em 1993, tornou-se o primeiro banco estrangeiro na Espanha, com a compra do Banco de Madrid e adquiriu o Banco Popolare di Lecco na Itália. Em 1995, comprou ITT comercial Finance e tomou o controle de Finanza Futuro.

²⁴ Em 1989, comprou o Chase Bank Commercial e o Nederland Kredittbank. Na Espanha adquiriu, em 1990, o Banco comercial e, em 1991, o Banco Jover. Em 1993, tomou o controle do banco alemão BFC, do italiano Ambarda e adquiriu as filiais do Chase Manhattan na Holanda e Bélgica. Em 1995, criou um polo regional em Singapura e, em 1996, outro em Hong Kong. No total, o Crédit Lyonnais está implantado em mais de 70 países.

²⁵ Um exemplo típico é a compra do Crédit Industrial et Commercial pelo Crédit Mutual: a consolidação da rede do estabelecimento mutualista com a do banco regional aumenta 11 a 12% a parte do grupo dentro do mercado francês.

riscos.²⁶ Finalmente, a diversificação geográfica permite repartir os riscos, aumentando a rentabilidade e os fundos próprios.

A busca constante de fatias de mercado e de diversificação de atividades explica essencialmente as operações de reagrupamento a nível nacional, enquanto que aquelas a nível internacional têm como objetivo uma melhor alocação de fundos e diversificação de riscos. No entanto, com a eliminação progressiva das regulamentações nacionais e a introdução da moeda única, realizar economias de escala a nível europeu tornou-se uma motivação primordial.

O banco universal com vocação mundial é naturalmente de grande porte. Este confere notoriedade, facilita o acesso aos mercados de capitais e permite diversificar os riscos.²⁷ Existem inúmeras dimensões mundiais que variam em função dos setores de atividade. A dimensão mundial não proporciona, necessariamente, o tamanho ótimo. Porém, lograr um limite ótimo mínimo é um imperativo para as empresas que desejam competir a nível mundial. (CHEVALIER, 1991) O objetivo do porte mundial conduziu a uma estratégia global dirigida essencialmente a partir da tríade Europa, Japão, Estados Unidos. O porte mundial é medido em relação à capacidade das empresas em intervir no espaço mundial e inovar dentro de um contexto de fortes mutações tecnológicas. Certas operações surpreendem pela amplitude do seu porte e do montante do capital envolvido, como a fusão dos bancos suíços UBS-SBS e a que deu origem ao grupo Citicorp nos Estados Unidos. A primeira duplicou o tamanho de cada um dos estabelecimentos tomados individualmente, enquanto que o espaço do grupo do Citicorp passou a contar com mais de 100 milhões de clientes em mais de 100 países. As finanças se tornaram, então, uma *indústria global*. A união de grupos realizando atividades complementares aumentou para criar gigantes, com maçãs colossais de capitais consideradas necessárias para a competição mundial.

No continente europeu, esse movimento se ampliou como consequência Paris já que, com a passagem à moeda única, uma transformação dimensional se operou para os bancos. Por exemplo, a Caisse Nationale du Crédit Agricole detém 20% do mercado francês, mas, a nível europeu, esta parte se reduz a 3% do mercado ampliado. Portanto, as operações de crescimento externo se impõem para realizar uma dimensão europeia ou, de preferência, mundial.

²⁶ Uma nova alocação de fundos próprios surgiu de cada operação de concentração do capital. Por exemplo, a fusão de UBS e SBS permitiu ao grupo suíço administrar 26 bilhões de dólares de fundos próprios.

²⁷ Assim, por exemplo, os bancos britânicos representam 68% dos lucros do setor bancário europeu, mesmo se o PNB britânico representa apenas 13% do PNB europeu.

A UEM, ao acirrar a concorrência, incitou os bancos europeus a aprofundarem suas políticas de internacionalização. Para adquirir uma dimensão europeia, estes tiveram que escolher entre diferentes modalidades (aquisições, cooperação, fusões) e tipos de estabelecimentos (universal ou especializado). A implantação direta no exterior deixou de ser a forma privilegiada de concentração, sendo as alianças um fenômeno que se generalizou. Estas podem ser definidas como acordos mutuamente concebidos e firmados por concorrentes que decidem cooperar num determinado campo específico, coordenando suas competências, meios e recursos e preservando cada um a sua autonomia.

O movimento atual na Europa mostra que os bancos preferem as alianças à implantação direta, ou seja, preferem uma modalidade de cooperação que permite fusionar depois de um certo tempo. A fusão responde ao objetivo de reestruturações fundadas na racionalidade e na recentralização dos grupos bancários nas suas competências originais. As operações de fusão-aquisição dos últimos anos põem em evidência a estratégia dos bancos multioperacionais no território nacional de se concentrarem no exterior em segmentos especializados.

Nesse processo, a primeira decisão de um banco que se internacionaliza é determinar sua área de atividade. A escolha depende de fatores como as regulamentações locais e europeias, a importância do estabelecimento e a presença de competidores. Numerosos bancos, particularmente franceses, renunciaram à meta de tornarem “universais” ou “pan-europeus” restringindo-se ao território nacional, na busca de uma sólida base nacional dentro de uma Europa ampliada. Consolidada a base nacional, os principais desafios são o de aumentar a capitalização na bolsa de valores e melhorar a rentabilidade sobre fundos próprios. No entanto, a nível internacional, a estratégia de especialização se impõe ao conjunto dos bancos europeus. Em outros termos, a estratégia se define através da obtenção de uma sólida base europeia, apoiando-se em segmentos especializados, com elevado valor agregado. Isso se realiza a partir de posições fortes em certos mercados e produtos.

b) Distorções da concorrência e harmonização das atividades

A construção da Europa bancária não somente aumenta a concorrência, mas também exige a harmonização dos setores. De fato, para inserir-se num espaço totalmente integrado, é indispensável adaptar os serviços em função das novas clientelas e novos mercados, harmonizando as regulamentações dos diferentes países participantes. O nível de rentabilidade

é um fator de concentração e de centralização do capital, que permite também uma melhor integração bancária.

A concorrência é determinante no processo de concentração-centralização do capital. Este é um processo qualitativo que remodela a autonomia dos capitais e estabelece novas relações de concorrência (AGLIETTA, 1977), já que inúmeros capitais individuais desaparecem por absorção e outros são reagrupados através de fusões ou consolidações. A reestruturação bancária foi importante para conduzir a estratégias ofensivas e, também, para enfrentar a penetração no território nacional de outros estabelecimentos europeus mais competitivos. Assim, os bancos tiveram que efetuar inversões consideráveis para criar as estruturas destinadas a facilitar a transição para a moeda única²⁸ e para controlar e sanear a concorrência.

A concorrência elimina os mais frágeis, mas também provoca um processo de normalização das atividades, tendendo a eliminar as distorções. A exacerbação das condições da concorrência representou um estimulante para a reestruturação bancária. Reestruturação e consolidação se impuseram para enfrentar o desafio da desregulamentação e do progresso técnico, tendo cada país as suas características particulares que permitiram, em matéria de concorrência, integrar o espaço bancário europeu.

As políticas seguidas a nível nacional mostram as distorções da concorrência existentes. O Reino Unido é o país onde a normalização da concorrência é a mais avançada. Depois da crise do setor imobiliário, no final da década passada, e para restaurar a rentabilidade, os grandes grupos se reestruturaram e diversificaram. A redução dos efetivos foi drástica. As reestruturações se concentraram nas fusões dos bancos comerciais e de negócios. Os Países Baixos tiveram também o seu «processo de clarificação». Desde 1993, todos os estabelecimentos de crédito possuem o mesmo estatuto legal, exercem as mesmas atividades e estão submetidos às mesmas exigências e mesmos controles.

O setor bancário holandês se caracteriza por uma concentração importante da qual resultou o desaparecimento dos bancos médios. Ele é composto por dois tipos de instituições: três grandes bancos (ING, ABN Amro e Robobank) e uma série de pequenos estabelecimentos. Uma situação similar se observa na Dinamarca: os bancos comerciais, os de poupança e as cooperativas de crédito realizam as mesmas atividades e estão sujeitos às mesmas leis. Na Alemanha, pelo contrário, os reagrupamentos entre bancos comerciais são recentes e pouco significativos. As caixas de poupança

²⁸ Se calcula que para os bancos franceses, o custo da introdução do euro seria de 20 bilhões de francos (4 bilhões de dólares), dos quais a metade teria sido destinada à adaptação informática, isto é, entre 2 e 3% dos gastos gerais.

são majoritariamente estabelecimentos públicos locais, que oferecem os mesmos serviços do que os bancos privados, porém dentro de uma zona geográfica limitada. Na Itália e Espanha, o processo de normatização é incipiente e se observa uma concorrência feroz entre bancos comerciais e caixas de poupança. Uma situação similar se registra na França, onde nenhuma medida de envergadura foi tomada.

Tanto a harmonização das atividades quanto a normatização das condições de concorrência são dois principais desafios para a Europa bancária. Com a introdução da moeda única, todos os bancos estão no mesmo nível, mas as diferenças estruturais entre os grupos permanecem importantes. Por exemplo, na Itália, o controle estatal se exerce sobre o conjunto dos bancos, enquanto que na França, o Estado mantém participações minoritárias em certos estabelecimentos, e no Reino Unido os acionistas dos bancos são outros bancos ou companhias de seguros. As diferenças são ainda maiores se considerados os níveis de rentabilidade bancária nos respectivos países europeus.

Num contexto de concorrência acirrada, de liberalização das atividades e de expansão das fronteiras, a qualidade da situação financeira constitui um imperativo. (DE PONTBRIAND, 1998) Nesse sentido, inúmeras operações de fusão bancária na Europa foram baseadas na busca de maior valorização dos fundos próprios.²⁹ Existe uma correlação direta entre os níveis de concentração e de rentabilidade. Os bancos com os rendimentos mais baixos sobre fundos próprios são igualmente aqueles com o menor grau de concentração.

A integração necessitou não somente de uma boa rentabilidade que facilitasse as reestruturações, mas, também, de uma harmonização mínima das regulamentações em vigor. Desde 1977, a Comissão Europeia estabelece uma política para criar condições de harmonização e elaborar progressivamente coeficientes de solvabilidade e de liquidez. Em 1985, a política de liberalização se acelerou, porém foi condicionada a uma harmonização mínima que incluía a definição das condições de aceitação de novas implantações, em relação à magnitude dos fundos próprios e à solvabilidade. Aplica-se, desde 1990, com a liberalização completa dos movimentos de capitais, o princípio de reconhecimento mútuo, origem real da integração bancária europeia. Uma norma da coordenação bancária europeia, posta em vigor em 1993, estipula que um banco autorizado a se instalar num país pode, sem autorização adicional, abrir sucursais nos outros países da União. No entanto, as operações de fusão ou de tomada

²⁹ Por exemplo, a fusão de UBS-SBS, em dezembro de 1997, permitirá lograr, em 2002, um benefício consolidado após dedução de 10 a 11 bilhões de francos suíços de impostos.

de controle permanecem excluídas do processo de harmonização. Esse processo parece estar mais inspirado por considerações estratégicas do que por uma verdadeira vontade de integração bancária europeia. As diferenças são tais (níveis de rentabilidade, competitividade, regulamentação) que certos estabelecimentos encontram dificuldades de se integrarem no novo espaço bancário europeu.

c) Novas perspectivas de rentabilidade

A Europa bancária apresenta dificuldades e obriga a realizar reestruturações, mas oferece igualmente oportunidades para reposições em diferentes regiões e setores de atividade, assim como para o avanço do processo de concentração-centralização do capital.

Apesar dos obstáculos que ainda subsistem, o euro dá um impulso irreversível à unificação dos mercados. Pode-se prever então uma evolução da concentração análoga àquela dos Estados Unidos. O mercado europeu será, todavia, mais vasto do que o americano. Os bancos europeus seguiram uma evolução similar ao sistema bancário americano, que vem se reestruturando profundamente desde 1991. As fusões-aquisições, nos Estados Unidos, se elevaram a 165 bilhões de dólares, o equivalente da capitalização na bolsa dos 12 primeiros bancos europeus, resultando numa ampliação dos mercados e numa especialização dos bancos. A magnitude das fusões realizadas nesses últimos anos facilita a constituição de um grande mercado interno, provocando uma transformação das estratégias de especialização geográfica e setorial.

Novas perspectivas se apresentaram para melhorar a rentabilidade dos bancos europeus, particularmente na área do banco-seguro. A partir da segunda metade dos anos 1990, os bancos passaram a considerar as companhias de seguro não somente como competidoras, mas também como um meio de desenvolver novas relações, podendo permitir a criação de bancos reestruturados e reforçados. Bancos e companhias de seguro ainda buscam a constituição de redes europeias.

Com a subsequente reestruturação dos setores bancários que conduzem a repensar completamente a atividade bancária, o aumento da concorrência desenvolve o banco-seguro e possibilita a emergência de um novo tipo de banco: o banco à distância.³⁰ Embora as inovações tecnológicas permitam a homogeneização dos sistemas bancários nacionais, as diferenças culturais do “cliente europeu” subsistem. Por isso, as opera-

³⁰ Atualmente, dois terços das transações bancárias se realizam fora das agências, isto é, por telefone, correio, caixas automáticas ou computadores.

ções de fusão-aquisições apresentam uma vantagem considerável para a integração bancária na Europa.

A eliminação dos riscos de câmbio com a introdução do euro e o processo de concentração-centralização do capital possibilita uma verdadeira integração bancária. A reestruturação que se opera principalmente com a diminuição do número de atores (crescimento externo) se realiza paralelamente à conclusão do euro.

CONCLUSÃO

O processo de concentração-centralização do capital (intensivo e generalizado na Europa) neste fim do século responde a uma nova vontade dos atores. Adquirindo uma sólida base nacional e desenvolvendo variadas operações transeuropeias, esses atores se orientam em direção a novos espaços geográficos e setoriais, consolidando a integração bancária europeia e mundial.

Dentro dessa estratégia integrativa, o processo de fusões, aquisições e alianças é o meio privilegiado das últimas duas décadas. Mas, além da estratégia de internacionalização, própria dos anos 1970-1980, essa evolução acelerada se realiza sob o impulso da construção europeia. No entanto, a integração bancária obedece sempre a uma mesma lógica fundada sobre uma base nacional sólida, com uma abertura ulterior na esfera internacional.

Assim, desde pelo menos dois séculos, o processo de concentração-centralização do capital responde à mesma vontade de “ampliação das fronteiras” e de integração dentro de novos espaços. Do espaço nacional, os bancos passam a atuar no espaço internacional e depois no espaço mundial. A “globalização bancária” se afirmou ao longo dos séculos.

O período da economia de crédito internacional era caracterizado pelo crescimento interno, enquanto que a construção europeia está marcada pelo crescimento externo via fusões, aquisições e alianças. A concentração do capital resulta dessa vontade que constitui desde sempre uma estratégia privilegiada. Todavia, essa concentração se modifica no tempo. Com vontades e estratégias diferentes, o processo de concentração toma novas orientações. As mudanças em curso são oriundas de duas grandes evoluções: a integração bancária ligada à União Monetária e a necessidade de obter uma escala mundial. É lógico, portanto, que as estratégias de reestruturação sejam diferentes daquelas observadas nos anos 1970-1980. Na Europa, assiste-se, esses últimos anos, a um crescimento da concentração entre bancos da mesma nacionalidade, que se prolonga e acentua

a nível europeu. Os bancos são multioperacionais a nível nacional e se concentram em segmentos determinados a nível europeu.

Assim, a cada etapa corresponde seu processo de concentração-centralização do capital. Atualmente, mais do que uma saída de crise, a concentração é um esforço de integração. A recrudescência da concorrência é, hoje, uma fonte de inserção dentro de novos espaços, que acentua a concentração. Baseando-se na debilidade de certos estabelecimentos e, mais geralmente, de certos países, ela acentua a reconfiguração do sistema europeu e sua integração.

REFERÊNCIAS

AGLIETTA, M. *Régulation et crises du capitalisme*. Paris: Ed. Odile Jacob, 1977.

AYMARD, P. *Banques et banquiers*. Paris: Les cours de droit, 1973-1974.

CAUDAMINE G.; MONTIER J. *Banques et marchés financiers*. Paris: Economica, 1998.

CHEVALIER, J. M. *La structure financière de l'industrie américaine et le problème du contrôle dans les grandes sociétés américaines*. Paris: Cujas, 1970.

_____. *Stratégies sectorielles des groupes*. Paris: La Documentation Française, 1991.

DE PONTBRIAND, G. Les banques opérables na Europe. *Revue Banque*, n. 589, fév. 1998.

GEORGOPOULOS, M. *De la restructuration des dettes à la restructuration du bilan -Essai sur le comportement des banques depuis la crise de la dette*. 1996. Tese (Sciences économiques) - Universidade de Amiens, Amiens, 1996.

GRIN, John; ROTMANS, Jan; SCHOT, Johan. *Transitions to sustainable development: new directions in the study of long term transformative change*. London: Routledge, 2010.

HILFERDING, R. A fixação de preços pelos monopólios capitalistas: tendência histórica do capital financeiro. In: _____. *O capital financeiro*. São Paulo: Record, 1994.

KÉBADJAM G.: *L'économie mondiale-Enjeux nouveaux, nouvelles théories*. Paris: Ed. du Seuil, 1994.

MERTENS SANTAMARÍA, D. *Entreprises européennes et mondialisation (1978-1996). Etats de lieux et stratégies*. Paris: Editora Paris: La Documentation Française, 1998.

MICHALET, C. A. (bajo su dirección): *Internationalisation des banques et des groupes financiers*. Paris: Ed. du CNRS, 1981.

MICHALET, C. A. *Le capitalisme mondial*. Paris: PUF, 1985.

MICHALET, C. A.; DELAPIERRE, M. Vers um changement des structures des multinationals: le principe d'internalisation en question. *Revue d'économie industrielle*. Paris, n. 47, 1989.

MORIN, F. *La structure du capitalisme français*. Paris: Calmann Lévy, 1975.

MOSCHETTO, B.; PLAGNOL, A. *Les activités bancaires internationaux*. Paris: PUF, 1977.

PASTRÉ, O. *La stratégie internationale des groupes financiers américains*. Paris: Economica, 1979.

RUFFINI, P. B. *Les banques multinationals*. Paris: IRM/PUF, 1983.

SUÁREZ, A. *L'internationalisation dans la crise du capital français en Amérique Latine: le rôle de la diplomatie économique française*. 1990. 420 f. Tese (Sciences économiques) - Universidade de Amiens, Amiens, 1990.